

MAIO DE 68 COMPLETA CINCO DÉCADAS: UMA (JOVEM) RESISTÊNCIA QUE MARCA O FIM DOS ANOS 1960

MAY 68 COMPLETE FIVE DECADES: ONE (YOUNG) RESISTANCE REGISTER THE END OF 1960

Maria Julieta Weber*

Sérgio Luiz Gadini**

Silvana Oliveira***

“Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (visto que a oposição de O anti-Édipo a seus outros inimigos constitui antes um engajamento tático): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e Mussolini — que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas —, mas também o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora”.

(Michel Foucault. Apud DELEUZE, Gilles & GUATTARRI, 1976).

RESUMO: O presente texto rememora algumas das principais características que marcaram os movimentos de resistência estudantil no final dos anos 1960, particularmente as manifestações do Maio de 68. O registro de cinco décadas ('meio século') dos movimentos que são habitualmente referidos como originários da capital francesa é, aqui, um momento apropriado para traçar algumas argumentações sobre os acontecimentos que marcaram o mesmo ano de 1968 para além e distante de Paris, por diferentes razões e justificativas, levando outros milhares de estudantes às ruas por outras lutas e demandas sociais, como as manifestações que marcaram a resistência ao regime militar brasileiro no ano que entrou para a história pela edição do AI-5, que endurece a repressão aos participantes ou simpatizantes de movimentos sociais no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Maio de 68; Movimentos Sociais; Resistência estudantil; Anos 1960.

* Maria Julieta Weber, professora dos Programas de Pós-Graduação em História e Educação da UEPG. E-mail: julieta.weber@yahoo.com.br

** Sérgio Luiz Gadini, professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG. E-mail: slgadini@uepg.br

*** Silvana Oliveira, professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEPG. E-mail: oliveira_silvana@hotmail.com

ABSTRACT: This text aims to look back on some of the main characteristics that marked the student movements of resistance in the late 60's, particularly the demonstrations in May 68. The five-decade record ("half a century") of the movements, that are usually referred as raised in the French capital, is, in this article, an appropriate moment to delineate some arguments concerning the events that marked the same year of 1968 outside and far from Paris, which, for different reasons and justifications, led thousands of students to the streets to fight different battles and claim other social demands. For instance, the demonstrations against the Brazilian military regime in this historical year when AI-5 was enacted, an institutional act that strengthened the repression against participants or supporters of the social movements in Brazil.

KEY words: May 68; Social movements; Student resistance; 60's.

BREVE INTRODUÇÃO CONTEXTUAL

"Em Maio de 68, a palavra foi tomada como a Bastilha foi tomada em 1789" (Michel de Certeau)

O registro de 50 anos dos movimentos que marcaram o Maio de 1968 (a partir daqui *Maio de 68*) aponta tanto para uma perspectiva global do 'acontecimento' como para reverberações sociais em diferentes e específicos contextos.

É, pois, oportuno compreender e evidenciar as diferenciadas formas de apropriações, como diversas possibilidades de rememorações, lembranças e também argumentações em torno de impactos que, na marca de cinco décadas depois, ainda ecoam nos mais diversos espaços de expressão e opinião pública, da Europa ao continente Africano, da Ásia aos países latino-americanos.

Na perspectiva de Paul Ricoeur (2007, p. 73), há uma distinção fundamental entre a prática da memorização e da rememoração. A memorização traduz-se por "maneiras de aprender que encerram saberes, habilidades, poder-fazer, de tal modo que estes sejam fixados, que permaneçam disponíveis para uma efetuação [...]", constituindo-se mesmo numa "memória-hábito". Já na rememoração "ênfatisa-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento" e, nesse sentido, o ato de lembrar indica um exercício de memória.

Para François Dosse, o acontecimento Maio de 68 é representativo de uma "proliferação de sentidos". Ao argumentar sobre o chamado "retorno" das abordagens sobre o acontecimento (*événement*) nos estudos que pautam as ciências humanas, assinala para "o que acontece de novo no questionamento atual sobre o acontecimento", reforçando a fala de Michel de Certeau sobre Maio de 68, quando este apontava que "o acontecimento é o que ele se torna". A partir desse pressuposto, Dosse (2013, p. 179) assinala que

Poucos acontecimentos suscitaram tantos discursos quanto Maio 68. A força de Maio está sem dúvida nesse entrelaçamento de sentidos que torna caduca qualquer tentativa de reportar esse enigma a um sistema causal único e mecânico. Todo aniversário do acontecimento é uma oportunidade para tentar capturar as inflexões da imagem de Maio [...] Maio 68 não foi apenas um trecho da história gaulesa. A revolta da juventude foi simultânea do Oriente ao Ocidente e de Berkeley ao México. Sob o napalm, incubava a contestação, que opunha figuras de proa da rebelião: de Ho Chi Minh a Che Guevara, a tal ponto que o movimento de Nanterre escolheu o nome em referência ao movimento de 22 de março, de 26 de julho de Fidel Castro. Um forte sentimento de solidariedade dos povos em um movimento sincrônico exaltava as energias, transbordava os aparelhos.

É importante ressaltar um aspecto central nos protestos que irrompem ao longo do ano de 1968 como um “invariante geracional”, que dá o tom e norteia o papel de atuação política nos manifestos estudantis daquele ano, em diversos pontos do mundo, simultaneamente, ainda que a pauta de discussões fosse direcionada para itens relacionados à experiências culturais e políticas próprias. É nesse ponto que Rodrigues da Silva (2002, p. 64) atenta para o crescimento da categoria social estudantil enquanto “força política autônoma”, que passa a ser eminentemente representada por “grupos sociais (jovens universitários), cuja faixa etária se situa entre 18 e 25 anos”.

É certo que a greve geral dos trabalhadores desempenhou um papel fundamental, enquanto força política crucial no fortalecimento dos movimentos reivindicatórios de 1968. Entretanto, o encadeamento dos protestos marca e tensiona o protagonismo de uma geração estudantil que ganha as ruas, as praças, o espaço público, transformando-se em sujeitos referenciais nos debates e nas temáticas de estudo de uma intelectualidade que passava a engajar-se no cenário das manifestações. Abrem-se, assim, caminhos para interpretações com perspectiva de análise que tematizem a partir do papel social de indivíduos e grupos na atuação de movimentos de contestação em contraponto aos poderes hierarquizados e consolidados por valores culturais tradicionais, nucleares, em síntese, respaldados por formas de poder autocráticas e/ou de forte cunho conservador.

Compreender o *Maio de 68* é, portanto, também perceber o acontecimento que retorna, seja por meio de uma “ótica científica”, cujo estudo pode ser “transformado em indício ou vestígio”, seja abrindo perspectivas para o que pode ser “compreendido duplamente”, ou seja, “como resultado e como começo, como desfecho e como abertura de possíveis” (DOSSE, 2013, p. 2), numa busca contínua em estudar com profundidade representações culturais e sociais do acontecimento em questão por meio de diferenciados recortes temáticos e contextos.

E, assim, tendo como pressuposto que uma “proliferação de sentidos” pode remeter a apropriações diferenciadas e específicas, para além de uma análise global de movimentos

estudantis/intelectuais e sindicais/trabalhistas, propõe-se abordar as possíveis reverberações deste acontecimento no contexto brasileiro, período de fortalecimento do autoritarismo imposto pelo regime militar, em que diversos estudantes/professores/trabalhadores, enfim, sujeitos que participavam de movimentos em prol da luta democrática, ora eram colocados na clandestinidade, ora eram perseguidos, criminalizados e, ainda em 2018, há que se pautar, desaparecidos.

Agora, para quem pensa e discute o *Maião de 68* no contexto brasileiro, deve-se considerar as especificidades, pois não há como ignorar que, enquanto os movimentos de contestação na América Latina tinham como principal foco de reivindicações regimes políticos autoritários, no contexto estadunidense uma crise de autoridade se fez presente desde os conflitos sociais promovidos pela sustentação da Guerra do Vietnã, acirrando-se com elementos de resistência à segregação racial e reforçados por uma onda de protestos pelo assassinato de *Martin Luther King*, em abril de 68.

Já no contexto francês, são marcas de *Maião de 68* debates em torno do consumismo dos anos 60, propiciados por uma política de modernização e estabilidade econômica no governo do general Charles De Gaulle (1890-1970), porém alicerçados em valores morais de forte apego ao tradicionalismo e conservadorismo da sociedade francesa.

Ao (re)pensar os movimentos de *Maião de 68*, é oportuno frisar que, muito embora possam tratar-se mais de movimentos de contestação do que propriamente “insurreição contra uma determinada ordem social e política”, tais focos de resistência deixam marcas e heranças culturais, propiciando o exercício de memória no que diz respeito, essencialmente, à “ideia de autoridade e de hierarquia”, já que “refutam todas as formas de poder: Estado, escola, família, sociedade e moral burguesa [...]”. (RODRIGUES DA SILVA, 2002, p. 64).

MOVIMENTOS ENTRE A EXPLOSÃO E A IMPREVISIBILIDADE SOCIAL

Em qualquer lugar do mundo e contexto, atores responsáveis pela gestão ou impulso e, por outro lado, pensadores que tentam compreender as lógicas de surgimento e projeção dos movimentos sociais têm, em comum, uma aposta: à exceção da ‘velha política’ – que, via de regra, investe milhões (muitas vezes, de recursos fraudados do caixa público) para tentar conter, impulsionar ou controlar ações de interesse coletivo –, a imprevisibilidade é uma das características que marcam os movimentos sociais.

Por isso mesmo, profissionais, atores sociais e/ou intelectuais, há anos ou décadas, tentam compreender a complexidade dos movimentos coletivos, que raramente asseguram previsibilidade, desdobramento e momento apropriado para encerrar.

O movimento social como acontecimento, da mesma forma, já foi – e continua sendo – pauta de incontáveis publicações, estudos e investigações. Entre intelectuais engajados que tiveram a oportunidade (e privilégio) de presenciar, dialogar e interagir com os milhares de

estudantes que ocuparam as ruas na capital francesa – como Michel Foucault, Jean Paul Sartre, Henry Lefebvre ou os dirigentes estudantis Daniel Bensaid, Daniel Cohn-Bendit, Jacques Sauvageot e Alain Geismar – não existe unanimidade em torno dos impactos e desdobramentos das manifestações que agitaram o final dos anos 1960 no mundo.

O *Maio de 68* não se limita ao simbólico surgimento com estudantes em Nanterre (universidade na região metropolitana da capital francesa) na última semana de março e tampouco encerra quando o general (De Gaulle) retoma controle político com mão de ferro. Em diferentes países do mundo, os estudantes saíram às ruas em diversos momentos de 1968, por variadas razões. De Praga (contra a intervenção soviética na Tchecoslováquia, que ficou conhecida como ‘Primavera’) a Berlim, Cidade do México a Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, os estudantes saíram às ruas e protestaram por liberdades democráticas, contra o ensino autoritário, contra prisões e execuções arbitrárias (como ocorreu em março/68 com a morte do estudante Edson Luiz no restaurante Calabouço, no centro do Rio), na passeata dos 100 mil em junho e também contra a violência policial na cidade do México em outubro do mesmo 1968.

Na região central da capital francesa, o 10 de maio amanhecia com uma barricada com veículos virados, carteiras escolares e restos de móveis, protegendo o Quartier Latin dos ataques policiais aos estudantes. Os vários momentos que marcam o *Maio de 68* são, na maioria dos casos, apresentados de modo sintético em etapas que parecem distanciar o tempo e os modos de envolvimento dos estudantes franceses. O primeiro momento coloca um modesto grupo de universitários que questionam o sistema de ensino, a partir do Quartier Latin, bairro tradicional da capital, onde se situam centros universitários de tradicionais faculdades ainda cinco décadas depois. É o momento em que slogans criativos se destacam nas velhas paredes, entre a ocupação da Sorbonne, pedras de ruas na mão e as barricadas que visam proteger a área da ‘resistência’ emergente.

Um segundo momento coloca em cena os operários que saem às ruas em apoio aos estudantes, com uma greve geral de várias semanas, que culmina em ‘acordos’ entre patrões e dirigentes das centrais sindicais, assegurando reposição salarial e aumento que chega aos 35% do salário básico. A terceira cena ocorre, quando estudantes e trabalhadores contestam o governo do general De Gaulle, mas saem divididos do movimento, na medida em que as direções sindicais retiram os trabalhadores com a promessa de melhorias salariais. Isolados e, aos poucos, em menor número, os estudantes encerram o movimento grevista. Poucos meses depois, o mesmo cambaleante De Gaulle ganha as eleições parlamentares até o ano seguinte, quando outra crise política dá espaço a outra etapa na disputa pelo governo francês.

E como agem ou se posicionam os intelectuais em tais situações marcadas por manifestações públicas de movimentos sociais? Em Maio de 68, incontáveis filósofos, sociólogos, críticos literários, jornalistas e demais pensadores saíram às ruas, seja em apoio aos estudantes ou mesmo dialogando de forma efetiva e dirigente junto aos manifestantes.

CONFLITOS DE UM ANTI-ÉDIPO QUE ESTÁ EM (QUASE) TODOS OS HUMANOS

No cenário francês, nomes como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari atuam diretamente no movimento francês de Maio de 68 e assumem o compromisso de reflexão posterior que o movimento exigiu. Com o livro *O Anti-édipo*, publicado em 1972, Gilles Deleuze e Felix Guattari, juntos, propõem a avaliação do alcance e dos limites do ano que não acabou. Ao referirem-se a 1968, os filósofos exercitam a superação do academicismo e da erudição fortemente questionados pelo movimento, na medida em que desejam surpreender a vida e o discurso da ação. Ao adotarem o espírito revolucionário também para o exercício da escrita, os dois filósofos e professores dão destaque para uma importante herança de maio de 68: a consciência de que o fazer revolucionário é cotidiano e íntimo.

O acontecimento revolucionário precisa, no ponto de vista destes intelectuais, encontrar a dicção da revolução. Nesse sentido é que o livro assume o desafio de uma linguagem fora da tradição filosófica e desarticula a perspectiva da análise de conjuntura estrutural pelo viés histórico crítico. O livro procura destacar as múltiplas manifestações do desejo presentes na variedade de expressões revolucionárias daquele momento. Da mesma forma, interessa aos autores, já em 1972, avaliar o que em 1968 operou como impedimento para o fluxo libertário que se acreditava invencível pelos heroicos agentes do movimento.

A avaliação realizada em *O anti-édipo* considera o cenário cultural, antropológico, artístico e psicológico no qual os jovens revolucionários ensaiaram sua voz. O avanço e os recuos de *Maio de 68* são referidos como movimentos do desejo, naquilo em que esses desejos estão marcados e superdeterminados pela cultura ocidental e pela dinâmica de mundo europeia, na qual, segundo os autores, domina o triângulo do pai, da mãe e do filho.

Na crítica ao triângulo edipiano, Gilles Deleuze e Felix Guattari explicitam a necessidade de superação dos vetos revolucionários no plano das múltiplas intimidades que Maio de 1968 reconheceu. Percebe-se que o afastamento e a crítica que os autores promovem sobre a Psicanálise inaugura um modo de pensar profundamente pós-estruturalista, tanto no plano das individualidades quanto do coletivo.

O pós-estruturalismo de Deluze e Guattari é uma permanência para as décadas vindouras, na medida em que as décadas finais do século XX e as primeiras do século XXI nos colocam frente a frente com novas interpretações da vida e reivindicam espaço e existência efetiva para minorias plurais antes sequer vislumbradas nos espaços da cultura. Assim é que os múltiplos movimentos de afirmação da identidade negra, os movimentos LGBTs, os movimentos feministas, entre outros, passam a compor novas dicções revolucionárias, nas quais o marxismo estrutural, a psicanálise ou qualquer perspectiva de interpretação totalizante da experiência coletiva se torna insuficiente.

Um dos conceitos-chave do pensamento de Gilles Deleuze e Felix Guattari é o de “corpo-sem órgãos”. Em oposição à noção de “organismo”, o corpo-sem-órgãos se propõe a abrir o

sentido dos fenômenos da experiência. Um fato histórico como o Maio de 68, considerado na dinâmica do corpo-sem-órgãos, torna-se imprevisível e pleno de potencialidades revolucionárias. O que importa dizer aqui é que a perspectiva tradicional das revoluções do século XX não se aplicaria de forma tranquila ao Maio de 68. E os autores usam a referência de corpo-sem-órgãos justamente para ampliar os sentidos e o alcance deste momento.

Maio de 68 operacionaliza também um novo modo de pensar a ação revolucionária como um movimento antifascista. Michel Foucault precisou brilhantemente este aspecto do livro quando redigiu o famoso prefácio intitulado “O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista”. Neste texto, Foucault ao exemplificar o que se pode chamar de microfascismos, e combater-os, numa exortação ao indivíduo por um compromisso com a liberdade própria e alheia. Aliás, algumas passagens do prefácio merecem ser destacadas:

- . Liberem a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante.
- . Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal.
- . Livrem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna) que por tanto tempo o pensamento ocidental considerou sagradas, enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade. (FOUCAULT, *apud* DELEUZE & GUATTARI, 1976, p. 12).

Na perspectiva de Michel Foucault, o livro *O Anti-édipo* propõe uma revolução para o pensamento e, daí, o não alinhamento com as premissas filosóficas revolucionárias da tradição. Foucault diz que “a melhor maneira de ler *O anti-Édipo* é, creio eu, abordá-lo como uma ‘arte’, no sentido em que se fala de ‘arte erótica’, por exemplo. Apoiando-se nas noções aparentemente abstratas de multiplicidade, de fluxos, de dispositivos e de ramificações, a análise da relação do desejo com a realidade e com a ‘máquina’ capitalista traz respostas a questões concretas”. (Ibid, p. 13).

É esta a relação crítica que o pós-estruturalismo sugere para pensar e reavaliar a complexidade, imprevisibilidade e pluralidades dos movimentos que marcam o Maio de 68 a partir do cenário francês.

MOVIMENTOS DE 1968 COMEÇAM ANTES DE MAIO NO BRASIL

E no Brasil, em que condições contextuais ‘acontece’ o Maio de 1968? Enquanto o regime militar endurecia a repressão, músicos, artistas, professores e outros intelectuais também saíram às ruas em apoio, solidariedade e defesa dos estudantes. Vale lembrar que parte da classe

média urbana, que silenciou ou mesmo até apoiou o golpe militar que destituiu o presidente João Goulart da presidência, logo se arrepende, na medida em que também passa a ser alvo do regime autoritário, que não via opositor em qualquer gesto ou iniciativa de questionamento.

Em três momentos, de um incontável registro de ações, protestos e expressões de resistência ao regime militar de plantão, o ano de 1968 pode ser compreendido a partir de situações que marcam a tal transição piorada da ditadura autoritária: a morte de um estudante pela polícia (26/03), a passeata dos 100 mil (26/06) e a decretação do ato institucional número cinco (AI-5 em 13/12). Lógico que a síntese não é consensual, mas ajuda a compreender o ano em que o ‘mundo deu voltas’. E o Brasil mergulhou um pouco mais no autoritarismo!

O apoio popular manifesto por expressivos setores da população do Rio de Janeiro, por ocasião da execução do estudante Edson Luís de Lima Souto (com apenas 18 anos) no restaurante Calabouço, em 28 de março de 1968, confirma a perda de apoio que o regime militar registra, de modo crescente e com mais força, nas capitais e cidades mais populosas do País. Estima-se que, durante o funeral do estudante morto pela polícia, dezenas de milhares de pessoas foram à câmara municipal do Rio manifestar solidariedade à luta dos estudantes em defesa da educação pública.

O mesmo fenômeno acontece, poucas semanas depois, em 26/06, na ‘Passeata dos 100 mil’, quando milhares de estudantes, intelectuais e pessoas dos mais diversos setores sociais saíram às ruas, questionando a política de repressão do regime militar. Manifestações, nos mesmos dias de junho de 1968, foram realizadas em diversas cidades do País (São Paulo, Salvador, Recife, Porto Alegre, dentre outras).

Ao longo do ano, outras manifestações confirmam o clima de resistência registrado no País, até que o regime militar lança mão de outro golpe – “dentro do golpe de 64” – para concentrar poder de impor censura e prender quem ainda ousava questionar, deixando no papel o que estava nos fatos sob controle pleno do regime militar. Era o ato institucional número 5 (o primeiro foi o golpe oficial, em 31/03/1964), que fica nomeado como AI-5, de 13 de dezembro de 1968. O pretexto formal foi apresentado como um discurso parlamentar (do deputado Marcio Moreira Alves, chamando boicote aos desfiles do 7 de setembro) no Congresso Nacional.

Daí em diante, até o final da ditadura militar, o apoio de intelectuais – entre temores, críticas e algumas ousadias no apoio aos movimentos de resistência – vai ser decisivo para acelerar o fim do regime ditatorial no Brasil (oficialmente em abril de 1985).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Nossa geração teve pouco tempo. Começou pelo fim, mas foi bela nossa procura”
(Alex Polari)*

Longe de mitificar os movimentos que marcaram o ano de 1968, trata-se aqui de situar e compreender que as variadas manifestações coletivas, na maioria dos casos pelo protagonismo dos estudantes, embora apresentem algumas características comuns aos diversos movimentos sociais, se diferenciam por especificidades contextuais, seja por tendências próprias ao final da década de 1960 ou mesmo por singularidades que precisam ser indicadas em cada País de que se fala. Isso porque, ainda que os fenômenos dos anos 1960 tendam a ser associados ao contexto da época, é fundamental compreender as especificidades que marcam os movimentos sociais em diferentes países, de acordo com características e referências próprias e peculiares.

Os casos ilustrativos, indicados no texto, dos manifestos na França e no Brasil são, pois, situações bem demarcadas pelo tempo e contextos sociais bem diferenciados no mesmo ano de 1968, por vezes mais distantes que os milhares de quilômetros que separam os continentes europeu e latino-americano. Inegável, contudo, é a constatação de que, em termos culturais e na perspectiva de valores e sentidos, os movimentos que marcaram o ano de 1968 remetem ao protagonismo de jovens estudantes, que em diferentes situações ousaram sair às ruas, questionar e desafiar regimes e sistemas de governo (ditatoriais ou não) que não passavam confiança e legitimidade aos jovens que nasceram no pós-guerra (1945).

O registro de cinco décadas do Maio de 68 é, assim, um momento oportuno para apontar questões que ainda resistem na atualidade, a partir de lembranças ou mesmo do “exercício de memória” de um ano que foi além dos 12 meses e de um fim de década no século XX.

Para encerrar, por variadas razões e constatações factuais, é cada vez mais fundamental compreender o passado/presente para vislumbrar condições de existência da vida humana e, a partir daí, buscar a sanidade racional necessária para pensar, dialogar com serenidade e sugerir que o espaço e função dos intelectuais nas sociedades complexas do mundo contemporâneo – entre as quais o Brasil – ainda é algo a ser compreendido. E lembrado!

Foi, enfim, com este objetivo que um grupo de pesquisadores das áreas de Ciências Sociais, Letras e Humanidades organizaram, em Ponta Grossa (PR), entre 28 de Maio e 28 de Junho de 2018, um *Ciclo Comemorativo aos 50 anos do Maio de 1968*, com palestras, apresentações de documentários, painéis temáticos, mostra fotográfica e diálogos em diversos espaços públicos da Cidade. O presente ensaio reflete uma modesta parcela das incontáveis reflexões, análises e contribuições que pautaram o Ciclo Maio de 68, 50 anos depois. Registrar é, pois, presentificar ações humanas. E este é um compromisso dos intelectuais da Universidade Brasileira.



REFERÊNCIAS

- BASSETS, M. 50 anos depois do Maio de 68: essa data nunca se extinguirá. *In: El País Brasil*. São Paulo: **El País**, 5/05/2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/23/cultura/1524504798_329892.html
- DANTAS, A. **As duas guerras de Vlado Herzog**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DELEUZE, G. & GUATTARRI, F. **O anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DIREITO à Memória e à Verdade**. A ditadura no Brasil: 1964-1985. Brasília/São Paulo: Secretaria Especial dos Direitos Humanos Brasil e Secretaria de Estado da Cultura São Paulo, 2008.
- DOSSE, F. **Renascimento do acontecimento**. Um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Unesp, 2013.
- LANGGUTH, A. J. **A face oculta do terror**: a verdade sobre as operações policiais dos EUA no Brasil e no Uruguai. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MARTINS, R. A real comissão da verdade. *In: Revista Carta Capital*. São Paulo: Carta Capital, 23/05/2012, Ano XVII, Nº 698, Pp: 42-45.
- PADRÓS, E. S.; VIVAR, J. E. E. **Memórias da resistência e da solidariedade**. Porto Alegre: Arquivistas Sem-Fronteiras (ASF-Brasil), 2013.
- PALMAR, A. **Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?** Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.
- PRONZATO, C. **Calabouço – 1968, um tiro no coração do Brasil**. Filme/Documentário. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <https://filmow.com/calabouco-1968-um-tiro-no-coracao-do-brasil-t97976/>.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007. Pp:71-99.
- SILVA, H. R. **Fragmentos de história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2002, p. 63-78.
- VAIVER, C. A revolução inacabada completa 40 anos. *In: Jornal da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, agosto de 2007. Ano 3, Nº 28, Pp: 12-14.
- VIEIRA, L. **A busca**: memórias da resistência. São Paulo: Hucitec, 2008.
- ZAPA, R.; SOTO, E. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CHARLEAUX, J. P. Maio de 1968: as origens e os ecos do movimento. São Paulo: **Nexo Jornal**, 05/05/2018. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2018/05/05/Maio-de-1968-as-origens-e-os-ecos-do-movimento>. Acesso em 28/06/2018.

Recebido para publicação em 14 set. 2018.

Aceito para publicação em 20 abr. 2019.